

ECOS DA BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA EM PORTUGAL: A RECEPÇÃO DE COELHO NETO EM TERRAS PORTUGUESAS

Thiago Mio Salla (USP)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo recuperar e analisar a recepção da obra de Coelho Neto em Portugal entre o início do século XX e o final dos anos 1920, isto é, entre o começo e o auge da edição e da difusão das obras desse prolífico autor brasileiro do outro lado do Atlântico por parte da casa portuense Lello & Irmão. Por meio de levantamento realizado na Biblioteca Nacional de Portugal e na Academia Brasileira de Letras, bem como da retomada de volumes dedicados à bibliografia do autor maranhense, foram encontradas noventa edições de obras de Coelho Neto publicadas no Porto pela Lello & Irmão, no intervalo entre 1903 e 1951. Desse total, 71 concentram-se entre os anos de 1910 e 1920. Apenas nessa última década, foram encontradas 53 edições de diferentes títulos da volumosa obra do escritor brasileiro. Desse conjunto, o destaque maior recaiu sobre *Sertões*, primeiro volume de Coelho Neto editado pela Lello & Irmão ainda em 1903. Nessa coletânea de contos, o autor recolhe uma série de narrativas curtas de caráter regionalista, em que avultam o gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico em perspectiva que se opõe ao cosmopolitismo então reivindicado pelo Rio de Janeiro em processo de modernização. Ancorado nessa fórmula, do conjunto de livros do romancista brasileiro editado em Portugal, *Sertão* descreveu a mais expressiva trajetória de sucesso editorial em terras lusas: de 1903 a 1945 essa obra alcançou seis edições, duas delas nos anos 1920 (1921 e 1926). Não por acaso, o caráter pitoresco e a prosa ornamental de *Sertão* chamaram a atenção de parte da crítica portuguesa, que acolheu favoravelmente o exotismo vazado na variante lusitana do português.

Palavras-Chave: Coelho Neto. Recepção em Portugal. Belle Époque. Editora Lello & Irmão.

Nas duas primeiras décadas do século XX, se por aqui os autores lusos continuavam a colaborar com jornais brasileiros e a ter o melhor mercado para os seus livros (com destaque para a figura, entre outros, de Guerra Junqueiro¹), eles pouco se interessavam pela produção literária oriunda do Brasil (BROCA, 1960, p. 26). O mesmo juízo se estendia para o comportamento do leitorado português: “se muitos escritores brasileiros eram editados em Portugal, seus livros, na maioria dos casos, só aqui praticamente circulavam” (*Idem, ibidem*). Uma das raras exceções a esse cenário seria Coelho Neto (Caxias, Maranhão, 1864 – Rio de Janeiro, 1934), que vivia então seu

¹ João do Rio dizia que “só Junqueiro apanhava e apanha o Brasil, não porque o tenha estudado em detalhe, mas porque é gênio e gênio possuidor de um espírito de síntese extraordinário” (RIO, 1911, p. 246). João de Barros, por seu turno, apontava que “no Brasil tanto quanto sei e julgo, a admiração e devoção [por Junqueiro] é unânime” (BARROS, 1921, p. 93).

momento de apogeu, “quando exerceu influência em nossas letras, aclamado não somente aqui como em Portugal” (*Idem*, p. 26).

A história da publicação da obra de Coelho Neto em Portugal inicia-se ainda em 1900, quando a Tavares Cardoso & Irmão Editores publica a ópera *Saldunes – Acção Legendada em Três Episódios*². Em seguida, praticamente, toda a produção do escritor maranhense editada em terras portuguesas será realizada pela portuense Lello & Irmão. Originária da Livraria Chardron, a qual fora adquirida de Ernest Chardron³ pelos irmãos António Pinto de Sousa Lello e José em 1894, aquela casa editorial mostrou-se particularmente receptiva aos brasileiros, publicando livros de João do Rio, Almáquio Diniz, Vicente de Carvalho, Euclides da Cunha e Sílvio Romero, entre outros (HALLEWELL, 2005, p. 263). Na verdade, como aponta Camilo Castelo Branco em 1874, tal interesse por nossa literatura já teria sido manifestado anteriormente pela Chardron, antes de ela ter dado origem à Lello & Irmão:

Longo tempo se queixaram os estudiosos do descuido dos livreiros portugueses em se fornecerem de livros brasileiros. Nomeavam-se de outiva os escritores distintos do Império, e raro havia quem os tivesse nas suas livrarias. Nas bibliotecas públicas era escusado procurá-los. Em compensação, sobravam nelas as edições raras de obras seculares que ninguém consulta.

O mercado dos livros brasileiro abriu-se, há poucos meses, em Portugal. Devemo-lo à atividade inteligente do Sr. Ernest Chardron. Foi ele quem primeiro divulgou um catálogo de variada literatura, em que realçam os nomes de mais voga naquele fluentíssimo país. [...] Falta dizer que os preços dos livros oferecidos no catálogo das casas Chardron, no Porto e em Braga, são módicos, reduzidos, e inferiores ao preço corrente das obras portuguesas de igual tomo. E, pois que estou agradavelmente recomendando livros de brasileiros [...] (CASTELO BRANCO, 1874, pp. 50 e 52).

² O filho de Coelho Neto lembra que essa edição não foi paga a seu pai (COELHO NETO, 1956, p. 17).

³ “Ernest Chardron (1840-1885) emigrou da França para o Porto em 1865, empregado por seu compatriota Moré, até conseguir sua independência, em 1869, e adquirir importância como editor do popularíssimo Camilo Castelo Branco (do qual publicou trinta títulos em quinze anos)” (HALLEWELL, 2005, p. 263).

Se Chardron importava livros brasileiros, Lello & Irmão não só editavam nossos autores como sua estratégia de negócios visava à expansão da casa no Brasil. No livro de viagem *Portugalud'Agora* (1911), João do Rio descreve esse último movimento:

[...] os Lello, a multiplicar negócios, ou vieram ao Brasil, ou tomaram informações práticas, no desejo de aumentar ou defender interesses. Para a concorrência sensível, a concorrência localizada, era necessário o estreitamento de relações. Há uns cinco ou seis anos começaram a remessa de livros aos jornais, com dedicatórias dos autores. Depois deu-se o meio de facilitar edições aos brasileiros, tratados com uma gentileza enternecedora pela imprensa [...] Foram os Lello, de Porto, que puseram em moda em Portugal o Brasil mental (RIO, 1911, p. 249).

O destaque maior de João do Rio recai sobre a iniciativa dos Lello em editar, ou antes reeditar, “o grande Coelho Neto”, bem como Sílvio Romero. Por meio desse gesto, teriam causado a impressão de um “arrancar de cortinas”, revelando o Brasil aos portugueses. “Portugal teve a sensação de que via uma literatura, e é indizível o êxito alcançado por esse livro magistral *O Sertão*” (*Idem*, p. 250). De fato, o caráter pitoresco e a prosa ornamental dessa coletânea de contos do prosador maranhense, o primeiro volume de Coelho Neto editado pela Lello & Irmão ainda em 1903, chamaram a atenção de parte da crítica portuguesa, como se verá em seguida.

Apesar do mérito da iniciativa dos Lello, João do Rio destacava que, ao reduzirem nossa literatura a três ou quatro escritores capitais, os agentes do livro em Portugal ainda mostravam pouco do Brasil. Segundo o cronista, tal limitação decorreria, sobretudo, do fato de os editores portugueses desconhecerem os “escritores conhecidos, verdadeiramente conhecidos no Brasil” (*Idem, ibidem*). Essa falta de familiaridade, entretanto, não os impedia de editar obras de autores de pouca ressonância por aqui, pois não perderiam dinheiro com isso, considerando-se que a maioria dos donos de editoras lusos, ou não pagaria direitos aos autores, ou cobraria para lançar os trabalhos de escritores de além-mar. Mesmo os grandes artistas portugueses não seriam muito bem remunerados por eles, fato justificado pelos editores lusos da seguinte maneira: “Mas aqui não se leem livros. Não é possível dar mais porque teríamos prejuízo. O nosso grande mercado é o Brasil. No Brasil é que se lê! Pagar mais é ter prejuízo!”.

João do Rio não vislumbrava nenhuma sombra de lógica nessa afirmação, quer por saber da inexistência de voracidade de leitura do Brasil, quer por levar em conta o trabalho dos editores brasileiros, como Garnier e Francisco Alves, em suprir nosso parco mercado.

Em conformidade com os questionamentos de João do Rio às lamúrias dos editores portugueses, Hallewell pontua que, no início do século XX, Coelho Neto tinha mais leitores em Portugal do que no Brasil (2005, p. 311), num momento em que tal artista ainda desfrutava de capital simbólico por aqui, chegando a ser eleito, em 1928, “Príncipe dos Prosadores Brasileiros” pelo jornal carioca *O Malho*, apesar das críticas cada vez mais constantes, sobretudo de seus adversários modernistas (MORAES, 2004). Tratava-se de nosso primeiro homem de letras a conseguir real popularidade e expressiva publicação na terra de Camões. Por meio de levantamento pessoal realizado na Biblioteca Nacional de Portugal e na Academia Brasileira de Letras, bem como da retomada de obras dedicadas à bibliografia do autor maranhense (COELHO NETO, 1956; COELHO NETO & KUHN, 1972), foram encontradas noventa edições de obras de Coelho Neto publicadas no Porto pela Lello & Irmão, no intervalo entre 1903 e 1951. Desse total, 71 concentram-se entre os anos de 1910 e 1920. Apenas nessa última década, foram encontradas 53 edições de diferentes títulos da volumosa obra do escritor brasileiro⁴.

Em 1923, isto é, no transcorrer da década de auge da publicação de Coelho Neto em Portugal, os irmãos Lello vêm ao Brasil e organizam um jantar em homenagem ao escritor. Na ocasião, Raul Lello declara que oferecia tal banquete “ao nosso mais fecundo e brilhante romancista”, dizendo que a Livraria Chardron se mostrava orgulhosa de concorrer para popularizar por todo o império lusitano “a admirável obra do autor do *Jardim das Oliveiras*” (COMO COELHO NETO, 1923). Em seguida, o livreiro assinalava de modo enfático que “Coelho Neto era tido e havido além-mar como um escritor lusitano, tanto a língua comum encontrava em sua pena um instrumento capaz de falar profundamente à alma portuguesa. Fosse o escritor àquelas terras e logo veria como é ali querido, e a sofreguidão com que os seus livros são procurados” (*Idem, ibidem*).

⁴ “Coelho Neto escreveu 120 volumes, mas se lhes adicionassem todas as crônicas e artigos diversos publicados nos jornais do país e do estrangeiro – aproximadamente oito mil – aquele número oscilaria entre 280 e trezentos. Suas improvisações, que orçavam por três mil, segundo cálculos do próprio escritor, dariam matéria para mais cem volumes contendo cada um trinta trabalhos. Ele deixou apenas 120 obras, quando poderia ter acumulado cerca de quatrocentas” (COELHO NETO, 1942, p. 143).

Todavia, antes de passar a ser fartamente publicado pela Lello & Irmão, o nome de Coelho Neto já havia ressoado em Portugal nas páginas do semanário ilustrado *Branco e Negro*, que começara a ser publicado em 1896, sob a chancela da livraria e casa editora António Maria Pereira. Nas páginas de tal periódico, Carlos Malheiro Dias tomava o romancista maranhense como um grande mestre: “a sua prosa de cinzelador tinha sido o traslado da minha prosa, e foi com os seus livros que eu sonhei o meu primeiro livro, cego pelo esplendor do seu incomparável estilo, rútilo, todo ouro e coral, de um sensualismo fácil a embriagar a minha mocidade” (DIAS, 1896, p. 98). Em continuidade a seu maravilhamento de pupilo, o jovem Malheiro Dias não se furtava a colocar o autor de *Rei Fantasma* como, à exceção de Fialho de Almeida, o mais maravilhoso decorador do idioma, aquele que mais teria deixado sugestões em suas páginas e esbanjado imaginação em seus períodos (*Idem, ibidem*).

Anteriormente, o semanário *Branco e Negro* já havia estampado um discurso da lavra de Coelho Neto em homenagem à literatura portuguesa. Esse texto, no qual o orador enaltece as figuras de Camilo, Herculano, Quental, Ramalho Ortigão e, sobretudo, Eça de Queiroz, vinha antecedido de uma laudatória apresentação feita pelos editores do periódico. Nela o artista maranhense figurava entre os expoentes da desconhecida nova geração de brilhantes prosadores brasileiros, “cheios de pitoresco e de magia” (BRINDE DE COELHO NETO, 1896, p. 7). Mais especificamente, Coelho Neto era alçado à condição de “poeta da prosa”, “o impressionista radioso de tantas páginas de singular encanto” (*Idem, ibidem*).

De início, tendo em vista tal conceito de “pitoresco” associado a cenários tropicais ainda desconhecidos, a Lello & Irmão investe num volume de contos de Coelho Neto já editado primeiramente no Brasil. Trata-se de *Sertão*, publicado em 1896 pela Tipografia Leuzinger, instalada no Rio de Janeiro. Nesse título, o prosador maranhense recolhe uma série de narrativas curtas de caráter regionalista, em que avultam o gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico. Ancorado nessa fórmula, dos livros do romancista brasileiro editado pela referida casa portuguesa, *Sertão* descreveu a mais expressiva trajetória de sucesso editorial em terras lusas: de 1903 a 1945 essa obra alcançou seis edições, duas delas nos anos 1920 (1921 e 1926).

Alguns anos depois do lançamento de *Sertão*, Maria Amália Vaz de Carvalho revelava sua surpresa diante da edição “esmerada e nítida” dessa obra realizada pela casa Chardron. Tratava-se de livro singular de um dos mais belos e vigorosos escritores do Brasil, que se destacava pelo poder evocador e pela energia sugestiva: “Li-o com

prazer artístico que a prosa portuguesa, quando manejada com tão soberba maestria, sempre me dá. Mas as cenas, pela maior parte dolorosas, trágicas, até de um trágico *macabre*, impressionaram-me profundamente” (CARVALHO, 1909, p. 219). Em especial a intelectual portuguesa, ressaltava o conto “Praga”, que abre o volume:

“A Praga” – que descreve a passagem da peste por uma dessas regiões em que vagueiam grandes manadas de gado, pastoreadas por vaqueiros de valentia selvagem e de alma negra de crimes, é um dos mais belos trechos descritivos que eu tenho lido em língua portuguesa. [...] E não é somente a Natureza que Coelho Neto sabe pintar como um estranho e vigoroso paisagista moderno, particularizando os detalhes, sem deixar de acentuar a grandeza do conjunto; ele sabe também pôr de pé, nesse fundo de colossal e esmagadora violência, os homens que lhe servem de natural complemento (*Idem*, pp. 220-221).

Um ano depois, Manoel de Sousa Pinto inclui no livro de viagem *Terra Moça* (1910) o relato de sua visita à casa de Coelho Neto. Antes de alcançar tal meta, o viajante perambula por ruas, bares, cafés e livrarias do Rio de Janeiro, com o fito único de encontrar o autor das *Baladilhas*. Diante do insucesso dessa caçada espontânea, vale-se da ajuda de João Luso, então redator do *Jornal do Commercio*, para agendar um encontro com o romancista. Tamanho esforço transcendia a esfera da admiração pessoal, pois se fundava no propósito de satisfazer a curiosidade do leitor português a respeito do eminente artista brasileiro. Todavia, Sousa Pinto se recusa a sujeitar o “originalíssimo talento” de Coelho Neto à “banalidade de uma *interview*” e traça um perfil do prosador tão admirado no Brasil e em Portugal (PINTO, 1910, p. 277).

Manoel de Sousa Pinto não poupa palavras ao afirmar que as impressões mais fortes que recebera de toda a arte brasileira provieram de Coelho Neto. Entre outros aspectos, descreve o método de trabalho do romancista brasileiro, bem como a paixão deste pelo idioma, fato que corroborava o estreitamento dos laços com Portugal:

Coelho Neto tem entranhadamente, o culto, o amor, quase a superstição da palavra. Adora o termo como a mais bela das formas [...]. A língua portuguesa [...] é como a sua amante, prediletamente eleita, a quem o artista se não cansa de ofertar, de adornar de joias novas, de vocábulos virgens, de termos desenterrados, de palavras

sonoras como crótalos, luzentes como pedrarias ou suaves como bálsamos aromados. É a sua deusa e é a sua musa (*Idem*, p. 279).

Depois de listar uma série de produções de Coelho Neto, indica que tal conjunto de volumes valia por si só como uma biblioteca: “É a obra de um só, pedestal enorme e radioso de um nome que nunca a língua portuguesa, que ele estremece e alinda, abandonará” (*Idem*, p. 299). Desse imenso catálogo, Manoel de Sousa Pinto ressaltaria o livro de contos *Sertão*, no qual avultaria o pitoresco domesticado das paisagens do Brasil interior:

Poderão esses contos ferir à primeira vista uma sensibilidade inabituada, por um sabor velho de enredo rebuscado, de notas acumuladas, que, para alguém ignorante da vida outra que lá se faz, parecerão de uma oca falsidade ou de um macabro dado com esforço, mas são trechos impetuosos, vibrantes, pletóricos, flagrantes de uma observação rigorosa. Os seres que neles surgem, para europeus incompreensíveis e estranhos, mulatos bêbedos e feiticeiros, homens rudes e maus, filhos puríssimos dessa primitiva natureza, cálida, brutal, de uma bizzarria extrema, de um diferente e incalculável encanto, são os habitantes naturais, lógicos desse sertão, quase virgem, indesbravado, vegetando numa miséria mental de antepassados remotos, rudimentares, quase apenas instintivos [...]. É preciso que o leitor se amolde a pensar que está diante de uma paisagem inédita, feita para inéditos seres, e, só então, avaliará o valor desse artista original, inédito também, em cuja pena há arte para erguer a seus olhos, com tal poder, a mais poderosa, variada e ignorada das naturezas (*Idem*, pp. 305-306).

Manoel de Sousa Pinto destaca como o prosador maranhense saberia conciliar a prosa ornamental, de orientação lusitana, com a suposta “observação rigorosa” de espaços selvagens e de seres “incompreensíveis e estranhos” para um europeu. Em resumo, pontua a articulação de dois vetores que estariam na base da aceitação do escritor em Portugal: o exotismo dos assuntos em conformidade com a variante lusitana do português. Tratava-se da apresentação de um mundo novo e desconhecido, vazado, entretanto, em linguagem familiar.

Por outro lado, essa mesma combinação de fatores, vista, por sua vez, em chave crítica, estaria na base da recusa ao autor que começara a ser semeada por aqui antes mesmo do modernismo. José Verissimo assinalava a inverossimilhança do sertão apresentado por Coelho Neto, ao mesmo tempo em que repudiava o repertório linguístico lusitano mobilizado pelo artista: “Sendo um escritor pitoresco, o Sr. Coelho Neto, como se dos livros tirasse as linhas e tintas com que descreve as nossas coisas, as pinta com palavras, expressões e toda a tecnologia de Portugal, donde resulta, por exemplo, a absoluta infidelidade dos seus quadros brasileiros” (VERISSIMO, 1979, pp. 232-233). Em resumo, o prosador maranhense se mostraria mais compreensível e atraente para o público português do que para o brasileiro, algo aparentemente percebido e explorado pela Lello & Irmão.

Para além dessa questão, o celebrado Fialho de Almeida, já no final de sua vida, não deixa de assinalar a entrada do artista brasileiro, com o *Sertão*, na plêiade dos escritores primaciais e triunfantes. Refere-se não propriamente ao Brasil, onde o escritor maranhense já gozava da “glória tranquila, segura, feita em artigos de jornal, peças e livros”, mas à difusão da obra dele em Portugal. Todavia, deixa de lado a análise da obra do autor das *Baladilhas* para se referir ao fato singular de Coelho Neto sobreviver da própria pena:

Coelho Neto é *avis rara* que, segundo me dizem, tem conseguido viver de produção literária, estenografada na língua portuguesa. Facto tão estranho, que em Portugal mal pode ser compreendido, visto a literatura entre nós não ter valor negociável, e ser para meia dúzia uma forma de ostracismo, e um pretexto de *faineantise* para o resto. Ignoro como o Brasil remunera os seus homens de letras: é certo que alguns aí vivem do que escrevem [...] (ALMEIDA, 1911, pp. 161-162).

Manoel de Sousa Pinto, em referência tão somente ao Brasil, também tocava nesse ponto ao destacar que Coelho Neto teria sido o primeiro a ter o inaudito “arrojo de arvorar em profissão a carreira das letras” (PINTO, 1910, p. 300). Todavia, na medida em que passava a depender da pena para sobreviver, a porção da obra do escritor brasileira feita por encomenda teria resultado “variada, desigual, defeituosa talvez, aqui ou além, mas nunca banal, nunca desprezível, nunca aleijada”. Assim como Camilo

Castelo Branco, de quem a fecundidade o aproximava, Coelho Neto se via obrigado a produzir “forçadamente obras apressadas, que o escritor não queria fazer. É o doloroso suplício da esgotante profissão: esse das páginas obrigatórias” (*Idem*, p. 302).

Apesar de apontar certo desnível qualitativo em meio à produção abundante de Coelho Neto, Sousa Pinto não deixa de atrelar tais derrapagens ao fato de o artista trabalhar sob demanda, fator que o obrigaria a produzir “forçadamente obras apressadas” como meio de subsistência. Nesse sentido, nada da erosão do capital simbólico de Coelho Neto, algo que, conforme já se disse, começa a se realizar por aqui muito antes do furor modernista, ou mesmo da aguerrida postura de Lima Barreto, que, em 1911, reduzia a literatura do autor de *A Capital Federal* à produção de frivolidades para leitoras ociosas: “Não posso compreender que a literatura consista no culto do dicionário; não posso compreender que ela se resuma em elucidações mais ou menos felizes dos estados d’alma das meninas de Botafogo ou Petrópolis” (BARRETO, 1956, p. 261). Alguns anos depois, a postura crítica do romancista de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* evolui para o ataque pessoal à figura do escritor maranhense, referido como o “sujeito mais nefasto [...] em nosso meio intelectual” (*Idem*, p. 189).

Em Portugal, por outro lado, Coelho Neto seguiu desfrutando de uma acolhida modesta, mas extremamente favorável. E, para além da referência a contos e romances do escritor, destaque ainda para suas peças de teatro. Desde que iniciaram a empreitada de editar a vasta produção do prosador brasileiro, os irmãos Lello publicaram um conjunto de seis volumes dedicados a coligir a porção da obra do artista maranhense voltada ao teatro. Em abril de 1927, o jornal *A Noite* dava conta do triunfo obtido por Coelho Neto em terras portuguesas com a representação da comédia em três atos *Quebranto*, que colocava em cena diferentes aspectos da sociedade carioca da época, bem como o contraste entre a urbe estrangeirada e o pitoresco amazônico (na figura do senhor Fortuna, caboclo nortista endinheirado que se casaria com a jovem e interesseira Dora)⁵. Lisboa teria aplaudido vitoriosamente o espetáculo:

Com o triunfo de Coelho Neto na cena portuguesa, abre-se, talvez, uma fase de os nossos dramaturgos fazer-se conhecer lá fora, e

⁵ Trata-se de peça escrita para ser apresentada pela primeira vez em 1908, quando da comemoração do centenário da abertura dos portos por Dom João VI. O texto, que conta a história frustrada casamento por interesse entre a jovem Dora e o velho e rico Fortuna, consta do volume *Quebranto: Comédia em Três Atos Escrita Expressamente para a Companhia do Teatro da Exposição Nacional; e o Sainete Nuvem*. Porto: Livraria Chardron, 1908.

colhendo os louros que as suas peças certamente alcançariam? O êxito de *Quebranto* é uma via florida, aberta às mais douradas miragens. Por que não segui-la?

Os jornais de Lisboa chegados às nossas mãos tecem os maiores elogios e mais rasgados elogios à obra de Coelho Neto. Todos são unânimes no valor, no equilíbrio, na beleza da peça – talvez das mais encantadoras do mestre (O TEATRO, 1927, p. 8).

A repercussão do nome de Coelho Neto em Portugal continuou a frutificar no ano seguinte. Em 18 de agosto de 1928, na primeira página do *Diário de Lisboa*, João de Barros dá notícia da elevação do romancista brasileiro à condição de “Príncipe dos Prosadores de sua terra”. Segundo o brasilianista, diante de tal homenagem, não haveria português sincero que a ela não devesse se associar, pois “tão nobremente Coelho Neto cultivou a nossa língua, tanto esplendor novo lhe trouxe, tão dedicado é às letras e ao pensamento lusitano, e até se quiserem, porque uma parte importante da sua obra foi editada no Porto, pela livraria Lello...” (BARROS, 1928, p. 1). Em referência a esse mesmo evento de consagração literária do escritor maranhense, Raul Martins assinalava, nas páginas de *O Comércio do Porto*, que “quando um homem, no final de toda uma existência laboriosa, de esgotante, exaustivo esforço chega aos cimos refulgentes da glória e da consideração pública – esse homem deve merecer o nosso respeito e a nossa veneração” (MARTINS, 1928).

E, mesmo após a morte de Coelho Neto, ocorrida em 1934, o nome desse escritor ainda se impunha quando o assunto era a repercussão da literatura brasileira em terras lusitanas. Segundo Mário de Andrade, antes da atuação marcante do brasilianista José Osório de Oliveira nossa produção literária não existiria em Portugal. “Havia quando muito algum literato brasileiro, com Coelho Neto por chefe de fila” (ANDRADE, 1993, p. 245). Em 1944, o próprio José Osório de Oliveira, em edição de uma seleta de contos do romancista maranhense publicada no livro *Elogio de Coelho Neto*, de João Neves Fontoura (trata-se da edição portuguesa do discurso de posse desse diplomata na Academia Brasileira de Letras; ele tinha assumido a cadeira que pertencera a Coelho Neto), destacava que “poucos autores brasileiros são tão conhecidos em Portugal como Coelho Neto” (OLIVEIRA, 1944, p. 161), além de pontuar que seria uma honra lusitana o fato de a maior parte da obra do autor de *Sertão* ter sido publicada pela portuense Lello, ainda responsável pela edição das obras do

escritor. Ou seja, essa imagem perdurava, por mais que a literatura brasileira já tivesse se expandido e diversificado em Portugal.

Referências

ANDRADE, Mário de. *Vida Literária*. São Paulo: Edusp; Hucitec, 1993.

ALMEIDA, Fialho de. “*Barbear, e Pentear*” *Journal of a Wandering*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1911.

BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARROS, João de. *Sentido Atlântico*. Paris: Aillaud; Lisboa: Bertrand, 1921.

_____. “Coelho Neto”. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 18 ago. 1928, p. 1.

BRINDE DE COELHO NETO à Literatura Brasileira. *Branco e Negro: Semanário Ilustrado*. Lisboa: Antônio Maria Pereira, a. 1, vol. 1, n. 26, 27 set. 1896, p. 7.

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960 (Coleção Documentos Brasileiros, vol. 108).

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. “Brasileiros Ilustres”. In: *No meu Cantinho*. Lisboa: Parceira A. M. Pereira, 1909.

CASTELO BRANCO, Camilo. “Literatura Brasileira”. In: *Noites de Insônia: Oferecidas a quem não Pode Dormir*. Porto, Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugenio Chardron, n. 4, abr. 1874 (Biblioteca de Algibeira).

COELHO NETO, Paulo. *Bibliografia de Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1956.

_____. *Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Zelito Valverde, 1942.

COELHO NETO, Paulo & KUHN, Neuza do Nascimento. *Bibliografia de Coelho Neto*. Rio de Janeiro: INL, 1972.

COMO COELHO NETO Agradeceu a Fineza dos Irmãos Lello. *A Noite*, Rio de Janeiro, 29 maio 1923.

DIAS, Carlos Malheiro. “Literatura Brasileira – Coelho Neto”. *Branco e Negro: Semanário Ilustrado*. Lisboa, Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, a. 1, vol. 2, n. 33, 15 nov. 1896.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro No Brasil: sua História*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTINS, Raul. “O Principado das Letras Brasileiras. Uma Vida de Intenso Trabalho Mental. Como Eu Vi Coelho Neto, Escritor e Homem”. *O Comércio do Porto*, Porto, 1 jul. 1928.

MORAES, Marcos Antonio de. “Coelho Neto entre Modernistas”. *Literatura e Sociedade*, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, n. 7, 2004, pp. 102-119.

OLIVEIRA, José Osório de. “Nota Sucinta”. In: FONTOURA, João Neves da. *Elogio de Coelho Neto, com uma Antologia dos seus Contos*. Lisboa: Edições Ultramar, 1944.

O TEATRO de Coelho Neto em Portugal. *A Noite*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1927, p. 8.

PINTO, Manoel de Sousa. *Terra Moça, Impressões Brasileiras*. Porto: Chardron, 1910.

RIO, João do. *Portugalud’Agora*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

VERISSIMO, José. *Últimos Estudos de Literatura Brasileira. 7ª Série*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.